



Folkcomunicação: uma abordagem histórico-crítica

Maria Isabel Amphilo R. Souza **I**

Mídia e Cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação, de José Marques de Melo, é uma obra didática em que o autor nos apresenta os fundamentos históricos, teóricos e metodológicos da folkcomunicação, localizando o leitor no universo dessa provável disciplina da área de estudos da comunicação, genuinamente brasileira, elaborada por Luiz Beltrão.

O autor acumula conhecimentos sobre o avanço da folkcomunicação, desde a sua origem, sendo declaradamente discípulo de Luiz Beltrão e tendo publicado seu primeiro artigo referente ao tema, intitulado Folkcomunicação, em 1971, na Revista da ECA/USP.

Catedrático da UNESCO no Brasil e referência nos estudos comunicacionais no Brasil e América Latina, bem como Estados Unidos e Espanha, Marques de Melo considera que a Folkcomunicação se constitui como uma disciplina específica, uma subárea da comunicação, que merece atenção e a dedicação de pesquisadores, visando o aprofundamento da teoria e da metodologia. Conforme o autor, questões políticas impediram a difusão e o florescimento dessa subárea, quando da sua proposição.

Assim, a obra de Marques de Melo emerge como um subsídio essencial para os pesquisadores da área, repondo a folkcomunicação como uma “disciplina que se dedica ao estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias”, (p.17) seguindo na via aberta por Luiz Beltrão.

Para o autor, a folkcomunicação “caracteriza-se pela utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica, para expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural”(p.17). O autor impulsionou as pesquisas em Folkcomunicação desde a década de 90, incentivando, por meio da Cátedra UNESCO/Umesp de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, a criação dos Congressos Folkcom e do Prêmio Luiz Beltrão, concedido pela Intercom.

Dividida em 10 capítulos, a obra de José Marques de Melo revisita a teoria da folkcomunicação, atualizando-a e retomando afirmações de exegetas de Beltrão, como Roberto Benjamin, Sebastião Breguês, Oswaldo Trigueiro, entre outros. Marques de Melo costura a teoria à história, e localiza os primeiros contornos da teoria da folkcomunicação no contexto sócio-político brasileiro da década de 60 .

O autor elabora uma cuidadosa descrição do estado da arte da Folkcomunicação, resgatando referências como, por exemplo, a citação de McLuhan, na obra *The Mechanical Bride: the folklore of the industrial man*, em que “o folclore midiático típico da sociedade pós-industrial, configurou-se como amálgama de signos procedentes de diferentes geografias nacionais ou regionais, buscando projetar culturas seculares ou emergentes no novo mapa mundial” (p.41). Retoma, também, autores latino-americanos, como o mexicano Jorge González, de linha gramsciana, com a teoria das “frentes culturais”; o argentino García Canclini, com a teoria da “hibridação cultural”; o brasileiro socialista Edison Carneiro, com a “reelaboração folclórica” e a mestiçagem metodológica, sob o olhar da Escola latino-americana de Comunicação.]

No cenário multicultural brasileiro e latino-americano, em que muitas são as possibilidades de objetos de estudo, o autor propõe uma pesquisa destinada a inventariar as festas populares brasileiras na qual combina o método da observação e o método comparativo. Para isso, elabora um roteiro do inventário composto de quatro elementos.

São eles: a memória, elemento destinado ao registro da festa na confluência do passado e do presente; o formato que busca dar conta da organização e do desenvolvimento da festa; a análise de conteúdo que busca identificar as mensagens e os significados que adquirem e as mediações, elemento do roteiro que se ocupa das relações da festa com as várias instituições (igreja, mídia, escolas, partidos, sindicatos etc) procurando evidenciar os modos de apropriação e de interferência das instituições sobre as manifestações.

O propósito do roteiro é a elaboração de uma taxionomia que possa contribuir para o estatuto disciplinar da folkcomunicação e sirva como orientação das pesquisas realizadas nos cursos de graduação e pós-graduação.

O autor elabora uma pesquisa empírica de matriz taxionômica construída a partir do exercício classificatório da folkcomunicação e que tem como alvo a Internet. Isto porque, segundo Marques de Melo, a web além de “garantir a sobrevivência de vários gêneros ou formatos de expressão popular, permite multiplicar os seus interlocutores” (p.95). A pesquisa utiliza o motor de busca Google e contempla quatro gêneros folkcomunicacionais, “escrita, oral icônica e cinética”, identificando formatos e tipos e relacionando-os por ordem de grandeza. Esse procedimento permite avançar e destacar os tipos que possuem maior densidade nos acervos documentais referenciados pela Internet. (p.101). A avaliação quantitativa (p.102) exhibe os formatos mais referenciados na rede e abre interessantes possibilidades de pesquisa de caráter qualitativo. Permite também inquirições sobre os modos pelos quais as manifestações populares são dotadas de vitalidade e de um dinamismo próprio, o que lhes permite romper as fronteiras regionais e nacionais e atingir a rede global. Essa constatação, proveniente da pesquisa mencionada, suscita à hipótese contrária àquela que as considera como resíduos em extinção.

O autor dá um passo inicial para a elaboração de um Dicionário Brasileiro de Folkcomunicação, ao delinear o Dicionário Contextual, resultado, segundo ele, “de uma peregrinação em dois sentidos: recorreremos ao Dicionário como fonte de definições pertencentes ao senso comum e compilamos significados contextuais legitimados pela literatura corrente nos círculos acadêmicos” (p.105). Para este segundo sentido, recorre a Luiz Beltrão, Câmara Cascudo, Alceu Maynard Araújo, entre outros.

No Capítulo 8, o autor traça uma Cronologia Factual, a partir de 1967, quando Luiz Beltrão apresenta os marcos epistemológicos da folkcomunicação na sua tese de doutorado, defendida na Universidade de Brasília, até o ano de

2007 no qual, vários eventos, inclusive a criação da Rede Folkcom, consolidam o estatuto da folkcomunicação no campo dos estudos acadêmicos.

O tributo a Luiz Beltrão, no capítulo intitulado trajetória do fundador, finaliza o livro. Aí Marques de Melo narra com afetividade e precisão as várias atividades desenvolvidas pelo fundador do Instituto de Ciências da Informação, ICINFORM, em Recife, primeiro núcleo acadêmico dedicados à investigação dos fenômenos gerados pela indústria dos bens simbólicos. Jornalista, professor e pesquisador, Beltrão, na concepção do autor, foi o pioneiro dos estudos científicos sobre a comunicação no Brasil.

Nessa sequência de reconhecimento e de construção da memória dessa área ampla e plena de entrecruzamentos, Marques de Melo registra a contribuição do médico e folclorista alagoano, Théo Brandão, a quem atribui a condição de precursor emblemático. Resgata a sua contribuição ao campo da comunicação, no ensaio-depoimento no qual relata o esforço de Brandão para institucionalizar o ensino da comunicação como campo do conhecimento imprescindível na modernidade. Esforço que só se concretiza em 1970 .

A extensa bibliografia consultada abrange uma vasta literatura e constitui-se em excelente orientação para os pesquisadores da área .

Mídia e cultura popular

José Marques de Melo

São Paulo, Editora Paulus, 2008

R\$ 25,00